



Elementos breves para reflexão historiográfica: Duarte Macedo, Bacelar e Vieira

Maria do Socorro Fernandes de Carvalho
São Paulo

A modalidade crítica dos estudos retóricos reivindica que o estudo da poesia deve implicar não apenas a interpretação do discurso poético em si mesmo, mas também as causas e os efeitos de sua construção, em conformidade ainda com as circunstâncias de sua emissão e recepção pública, ou seja, do reconhecimento da dependência dos efeitos de deleite e ensino que condicionam o fazer dessa poesia. Retórica, poética e língua literária nacional são três sistemas que se encontram na origem da poesia lírica das línguas modernas europeias.

A segunda constatação oriunda de uma abordagem retórica nos estudos de poesia incide sobre a questão das descontinuidades e continuidades quanto à imitação de modelos textuais no decorrer dos tempos em que a instituição retórica funcionou como substrato para a composição do bom discurso, ou seja, desde tempos da Grécia arcaica até o final do século XVIII, há pouco mais de trezentos anos. Como se pode facilmente contar, a relação temporal é desproporcional, o que significa que os vários substratos retóricos que fizeram funcionar a composição do discurso no decorrer de dois milênios atuaram de maneira mais ou menos intensa sobre os grupos dos produtores de texto, os autores, a depender de numerosas variáveis espaciais, temporais, de circunstâncias políticas específicas, de peculiaridades as mais variadas que definiram os grupos de produção do saber etc.

Pensemos por exemplo na ação exercida por algumas universidades europeias, algumas das mais antigas, a Universidade de Paris (Sorbonne), ou a Universidade de Bolonha, quanto à definição de determinados gêneros textuais, a carta, para termos nomeadamente uma ilustração de caso. Como se sabe, a carta é um gênero da prosa muito prestigiado, e que tomou mais largo fôlego a partir da descoberta das cartas de Cícero no século XIV. Na Univer-

sidade de Bolonha, por sua vez, deu-se uma produção de textos preceptivos sobre esse eminente gênero letrado, de lá vieram alguns relevantes papéis da chamada *ars dictaminis*. Essa preceptiva foi lida e adotada em vários centros de produção textual, sendo os modelos dela derivados exportados não apenas para a Europa, mas para o Novo Mundo, como também se sabe. Ora, esse é apenas um microcosmo que pode ilustrar ao mesmo tempo a permanência de instruções retóricas, sua difusão pelos territórios globais e, o que mais interessa, uma série vultosa de especificidades formais, territoriais, institucionais, políticas, enfim históricas, que conformaram a composição da carta na cultura letrada. Esse exemplo, tirado abstratamente da história da cultura letrada, pode ser multiplicado por diversos, mas podemos pensar num outro caso, talvez mais transparente: a produção intelectual ocorrida no interior dos mosteiros pelos homens doutos da Igreja, caso igualmente pleno de singularidades institucionais. O saber gerado ou desenvolvido no ambiente de pesquisa monastérica é imponente e suficientemente conhecido. O que é de interesse destacar é que os substratos retóricos que instruíram o discurso durante tantos séculos variaram intensa e difusamente a partir de uma série ingente de variantes históricas impossíveis de cingir em qualquer totalidade interpretativa. Todavia, tais descontinuidades, no que concerne ao papel modelar que textos fundamentais desempenharam, não impediram que tais modelos fossem lidos, imitados, objetados ou reapropriados em situações históricas outras. O que se pode entender, portanto, é que as reapropriações desses saberes continuaram a ocorrer no decurso dos tempos e continuaram, assim, a plasmar a composição dos gêneros da prosa e da poesia. O que também se pode fazer é entender a permanência e transformações dessas instruções em nichos específicos da escrita de textos, quer dizer, em gêneros específicos de textos.

Dentre numerosos gêneros, temos a especificidade do discurso poético e, a partir dele, podemos incluir certas especificidades como procedimento metodológico de delimitação desse objeto de estudo: a poesia no século XVII em Portugal. No caráter heterogêneo dos processos de continuidade e descontinuidade pelos quais essa poesia passou, tendo por base sua produção e depois, com os numerosos eventos de suas recepções no decurso dos séculos, têm origem os apagamentos no âmbito da história da literatura em língua portuguesa. Isto se explica pelo fato de a compreensão da multiplicidade heterogênea de versões de poemas demandar instrumental teórico diverso do que tem sido correntemente aplicado pela crítica literária lusófona. Com

efeito, fica claro que a tal multiplicidade não se aplica nenhuma noção de unidade. Ocorre que apresentar unidade tem sido condição para a aplicação dos instrumentos de análise sistematizados pelos estudos literários. Por outras palavras, o fato de não possuir uma unidade à qual se possa ajustar instrumental teórico dos estudos literários que exige intrinsecamente uma tal unidade, faz com que os instrumentais disponíveis e praticados pelos correntes estudos na crítica e na teorização da literatura não se adaptem a objeto não-unitário. Diante da impropriedade do instrumental interpretativo corrente, o mais comum é que os estudos literários realizem certas reduções da heterogeneidade da matéria (Kossovitch 2002). Por essa praxe, ocorrem com frequência generalizações de que talvez os termos cultismo e concep-tismo sejam um exemplo dentre as mais divulgadas no interior do sistema de ensino da literatura no Brasil; ou ocorrem as tais reduções, o que pode contestar a validade dos resultados da pesquisa.

O que então uma abordagem retórica dos estudos de poesia anteriores à modernidade da literatura pratica? O pressuposto fundamental nessa visão é historicizar o objeto de estudo, ou seja, como dissemos rapidamente, levar em consideração toda a rede de implicações que cercam a produção de um poema até sua inserção no patrimônio letrado de uma convenção, passando por sua recepção e demais categorias de interpretação. Sintetizo de forma muito simplória o conceito de historicidade, porque não é objetivo propor aqui uma sua teorização. O que queremos é apenas instigar a reflexão sobre as ausências de estudos de obras que necessitam ser interpretadas para a compreensão de determinados conjuntos de discursos letrados. Podemos, todavia, aventar a observação de um aspecto desse complexo substrato interpretativo. Um dos elementos que conformaram as descontinuidades na leitura de textos modelares importantes nasceu no seio da questão muito concreta da edição livresca no início da produção tipográfica moderna. De modo geral, muitos poetas da língua portuguesa do chamado Seiscentos não chegaram a publicar livros de poesia em vida. Uma parcela larga desses poetas, por pouco plausível que seja, permanecem inéditos até hoje ou, quando muito, tiveram partes de suas obras publicadas em antologias poéticas coletivas a partir do século XVIII. São os casos célebres das antologias *Fênix renascida* ou *Obras poéticas dos melhores engenhos portugueses*, compilada em cinco volumes entre os anos de 1716 e 1728, reeditada em 1746, como também sua edição revista, o *Postilhão de Apolo*, publicada entre 1761 e 1762. Na nossa atualidade, alguns desses poetas tiveram suas poesias revistas e editadas

individualmente, como a edição do livro principal de Violante do Céu, *Rimas Várias*, em 1994, por Margarida Vieira Mendes, e recentemente, em 2007, a coletânea de poemas de António Barbosa Bacelar, pela editora da Fundação Calouste Gulbenkian, em Lisboa, entre outros cancioneiros relevantes, o que diminui as lacunas do conhecimento desses nomes e títulos, remetendo a ignorância de suas obras. Esses casos são, porém, singulares, pois a maior parte da produção poética do século XVII não foi ainda publicada nas individualidades de suas autorias, embora circulasse correntemente em folhas avulsas manuscritas pelo reino e em suas expansões ultramarinas na América e na Ásia no período. Hoje esses poemas encontram-se guardados em bibliotecas e acervos públicos e privados, como um ingente tesouro de domínio público raramente cultivado num mundo em que o público leitor alcança a ordem dos milhões e no tempo da comunicação de massa virtual.

Modelos são ferramentas na formação de cânones poéticos, entendidos estes como seleção valorizante que se impõe com força simbólica à herança letrada. Por exemplo, dentre os poetas seiscentistas em Portugal, Antonio Barbosa Bacelar é um dos mais canônicos da língua portuguesa do século XVII. Não obstante não ter publicado nenhum livro de poesia enquanto viveu, o que constitui uma constante quanto à escassez de edição de poesia lírica nesse ambiente sócio-cultural, é considerado um dos homens mais cultos da época e dos mais eminentes versejadores da língua. Seus poemas são modelos autorizados no Seiscentos, embora poucos impressos seus tenham restado nas bibliotecas. Prova de tal modelização é o apreço que Duarte Ribeiro de Macedo, autor sobre o qual nos deteremos minimamente doravante neste texto, manifesta em um soneto dedicado ao poeta no seu livro *Obras métricas*¹: «Ao doutor Antonio Barbosa Bacelar, depois de ler no Paço». O soneto faz um elogio das virtudes retóricas de Bacelar que, sabe-se, fora preterido de sua cátedra na Universidade de Coimbra, após longo tempo de magistério. Acabou por se recolher, desalentado, ao interior do país, ainda que dispusesse de consolidada reputação como homem de letras na corte. O poema traz elementos circunstanciais difíceis de serem preenchidos inteiramente pelo leitor de hoje e assim compreendê-lo em todas as suas particularidades, por serem demasiado alusivos ao contexto da época da sua escrita. Mas, conhecendo-se a situação referencial global do poeta elogiado,

¹ O grupo de poemas reunidos sob o título de *Obras métricas* vem a ser uma parte do conjunto das *Obras do doutor Duarte Ribeiro de Macedo...* (1743, com segunda edição em 1767).

e com a ajuda da disdacália, tem-se a certeza de que há nele uma demanda pelo reconhecimento e honraria de Bacelar na corte, poeta a quem Duarte Macedo escreveu também algumas quintilhas nas mesmas *Obras métricas*. Leia-se o soneto:

Propuz a Paulo, e como alli tão perto
Vi o nosso Mecenaz Dom Rodrigo,
Ditosamente regulei comigo
Pelo seu nobre affecto o meu acerto.

Esvacime, e do successo incerto
Termi em seu agrado o meu perigo;
Mas como eu trato de agradallo, amigo;
Adverti dos perigos ao concerto.

Topou a acção co premio em seus louvores,
E ainda que tanto Antonio não merece,
Não pode ser engano, foy destino.

Mas já agora mereço seus favores,
Que como só aos dignos favorece,
Basta-me hum seu favor para ser digno.

(Macedo 1743: t. II, 297)

Afora algumas insuficientes impressões livrescas, ficaram de Bacelar propriamente, nas bibliotecas portuguesas e brasileiras, bastantes poemas manuscritos, mas avulsos, sujeitos às intempéries que degradam a materialidade das obras, sem um livro que os compendiassem, e ficaram os poemas publicados em obras de outrem, geralmente coletivas.

O interesse em juntar os nomes de Antonio Bacelar e Duarte Macedo deve servir para mostrar como autores seiscentistas foram excluídos, apagados ou secundarizados dos estudos sobre literaturas nacionais em língua portuguesa. Do poeta Bacelar, o leitor tem alguma notícia ou certos poemas impressos, ainda que avulsos, em antologias, como as citadas acima, ou em coletâneas nossas contemporâneas. De fato, nos manuais diacrônicos de história da literatura portuguesa, quando é chegado o momento histórico do século XVII, se é chegado – porque acontece comumente de ser um período saltado na cronologia historiográfica – aparece o nome de Antonio Barbosa Bacelar, ocupando sempre um lugar irredutivelmente certo naquele rarefeito panteão de «poetas barrocos». De Duarte Ribeiro de Macedo menos se fala, apesar de ele ter sido um homem de letras conhecido na cena lisboeta seiscentista. A leitura de algumas obras suas, em especial alguns sonetos, seria de proveito certo para a compreensão das letras do século XVII.

Duarte Ribeiro de Macedo (1618-1680) foi um político muito relevante à coroa portuguesa. Foi magistrado e diplomata nos centros urbanos mais decisivos da Europa: ministro residente do governo português na França na década de 1660, e depois em Espanha e Turim. Foi polígrafo em vários gêneros do discurso letrado: historiografia, genealogia, política, mas principalmente nos interessa porque escreveu poesia e cartas. Assim como Bacelar, somente teve suas *Obras do doutor Duarte Ribeiro de Macedo* (1743), em dois tomos, publicadas postumamente, com exceção de um discurso político publicado em francês, na França, o qual teria gerado polêmicas no seio da diplomacia entre Portugal e aquele país. O livro de poemas *Obras métricas* faz parte do conjunto das *Obras do doutor...*, ao lado dos seguintes títulos: *Relações; Discurso político; Juízo histórico, jurídico, político sobre a paz celebrada entre as Coroas de França e Castella*, no anno de 1660; *Vida da emperatriz Theodora; Discursos políticos e discursos morais* e uma tradução de *Aristippo, ou homem de Corte*, escrito por Monsieur de Balsac.

Estas *Obras* trazem uma vida brevíssima do autor, possivelmente escrita pelo editor Manoel da Conceição que, a certa altura, escreve: «Foy bom Poeta, em que deueo mais à natureza, do que à Arte» (*apud* Macedo 1743: n.p.), o que considero um despropósito, pois os poemas são bons, agudos e versáteis. Na minha leitura, essa compreensão é reveladora de outra concepção sobre as qualidades do discurso, sobre as virtudes retóricas do bom discurso, concepção já circulante na primeira metade do século XVIII e segundo a qual as letras deveriam mostrar as virtudes da clareza e da opacidade de sentido, em que pese ser o verso o lugar do ornato. Quer dizer, sabe-se que houve um revisionismo quanto ao lugar ocupado pelo ornato na poesia europeia que julgou negativamente a agudeza da poesia seiscentista a partir de parâmetros inculcados pela nova filosofia, de cariz iluminista, e pelo retraimento da instrução retórica. Difere o juízo de Manuel da Conceição noutro trecho, pois na dedicatória feita a Dom José Miguel João de Portugal, o editor volta a opinar, emendando o pensamento anterior: «Não sey se deueo ele mais à natureza, se à criação na Caza de V. Excellencia. Parece-me que ambas são credoras de tão grande homem. Pouco importava a disposição da natureza, se a não aperfeiçoasse o trato [...]» (*apud* Macedo 1743: n.p.). Nessa mesma edição, há umas breves «Noticias do doutor Duarte Ribeiro de Macedo», anônimas, nas quais o autor trata rapidamente sobre o estilo de escrita de Duarte Macedo e as autoridades que ele imitou definitivamente: «Compoz em estylo quasi inimitável, porque he discreto, e conciso, expli-

cando em poucas palavras pensamentos profundos. Incitou com felicidade a Velleyo Paterculo, adornando-o com as ponderações políticas de Tácito, sem cuja imitação dificultosamente haverá Escritor, que possa agradar» (*apud* Macedo 1743: n.p.).

Da «Dedicatória» ao tomo II dessa obra, endereçada ao Conde de Soure, vale a pena destacar um trecho sobre a importância das «lições das histórias», trecho escrito precisamente no referido estilo conciso e certo que caracteriza a escrita do letrado Duarte Macedo:

Este gênero de estudo, que he necessário à vida política, e útil à vida moral, não he alheio da minha profissão. Francisco Balduino insigne Jurista escreveo hum tratado com o titulo seguinte: *De Institutione Historiae universae, & ejus cum jurisprudentia conjunctione*, na segunda parte deste tratado prova ser necessária ao jurisperito a noticia universal das historias. (...) só ella forma hum sogetto corteção, e politico; porque na observação dos acontecimentos passados nos dá instrução para os presentes, e advertência para os futuros, e neste sentido chamou Cícero à história Mestra da vida. A politica na melhor definição he huma arte de tratar os interesses de Estado; e quem ignora que só da história se tirão os documentos, e as regras desta grande arte? Disse, que era também necessária à vida moral, porque não há lição, que melhor persuada, e inculque as virtudes, e que mais eficazmente condene os vícios, sendo certo, que tem mais força com nosco os exemplos, que os discursos. (*apud* Macedo 1743: folha Aii verso)

Nas *Obras métricas*, temos muitos sonetos, como aquele que já lemos, dedicado a Bacelar, mas destaco com ênfase o poema «Ao sereníssimo Príncipe D. Theodósio. Sahindo em Elvas ver a campanha», pois nele coexiste um diálogo textual explícito, visível no poema e em cartas trocadas entre Duarte Macedo e o padre Antonio Vieira, seu amigo e correligionário, com quem trocou intensa correspondência entre Roma, Lisboa, o Estado do Brasil e o Estado do Maranhão e Grão Pará. Esse soneto de Duarte Macedo traz uma didascália que especifica o referente da campanha de Elvas, importante cidade envolvida na disputa pela restauração do reino português, no bojo do movimento de Restauração detonado a partir de 1640 e do qual Duarte Macedo tomou intensa parte, sendo chamado, junto a outros políticos, de «restauracionista». A didascália do soneto citado especifica a circunstância de uma «saída», um passeio pela «campanha», ou pela cidade, feita pelo príncipe D. Theodósio. Ora este príncipe era a grande promessa da política imperial lusitana; nele estava depositada a maior esperança da família real, pois como herdeiro do trono, estava sendo preparado em todos os segmentos da educação de príncipe para ser o futuro imperador de um império maior do que todos os que a Europa já havia conhecido, o Quinto Império. Esse príncipe

tinha o próprio Antonio Vieira como preceptor, que o instruía na política e no trato da governança, e em muitas outras artes ou saberes. Não em poucas ocasiões textuais, é ele e seu futuro reinado assunto da correspondência entre os dois homens cultos e validos dos mandatários da coroa, e muito diretamente próximos do rei Dom João IV. O soneto começa o argumento tratando da matéria referida na didascália «Ao sereníssimo Príncipe D. Theodósio. Sahindo em Elvas ver a campanha»:

Senhor, esta campanha dilatada,
De hum rio inultimente dividida,
Em todas as idades conhecida
Pelo valor da Portugueza espada;

De vossos pés seguramente honrada
Ser campo de batalha se convida,
Onde por vosso braço repetida
Vejaís do Luso a fama eternizada.

Destas soberbas ondas a corrente
Entre aplausos rethorica responde
Na clara voz de seu cristal facundo.

Ouvi, que vos inculca reverente
Daquela ponte a fabrica, por onde
Haveis de entrar a conquistar o Mundo.

(Macedo 1743: t. II, 300)

O padre Antonio Vieira escreveu uma «Carta ao Príncipe D. Teodósio de 23 de maio de 1650» na qual orienta como o herdeiro da coroa deveria proceder diante das circunstâncias especialmente adversas do exército nacional na fronteira com o Estado castelhano. Segundo o jesuíta, era a hora de o príncipe mostrar o conhecimento sobre política que aprendera com o preceptor e, mais importante, de impor-se como governante capaz de gerir a crise política do Estado português imposta pela necessidade de término da Monarquia Dual. Ao começar a carta, Antonio Vieira discorre sobre a condição da guerra e faz um arrazoado sobre certas possibilidades não éticas que a condição beligerante admite, sintetizando ao seu jovem aprendiz interlocutor que é aquela a hora em que um governante pode comprar «armas, munição, e homens». Na sequência da carta, Vieira orienta Theodósio a encarar o desafio da governança aproximando-se o máximo possível do «povo», ou integrantes do terceiro estado, na hierarquia estamental do Antigo Estado português, e mais especificamente orienta sobre o estado de ânimo com que a pessoa do

príncipe real deve aparecer em público. Nomeadamente na *Carta ao príncipe*, Vieira escreve:

[...] e com toda ela lhe digo que, tanto que chegar esta nova, V.A. logo sem esperar outro preceito se ponha de curto, o mais bizarro que puder ser, e se saia a cavalo por Lisboa, sem mais aparato nem companhia que a que voluntariamente seguir V.A., mostrando-se no semblante muito alegre e muito desassustado, e chegando ver e reconhecer com os olhos todas as partes em que se trabalhar [...]. (Vieira 2003: 501)

O soneto de Duarte Macedo é conforme a argumentação: a orientação global é de que o príncipe interaja com as pessoas envolvidas e que ele «veja Elvas» pessoalmente, afetivamente. A necessidade desse mesmo tom de afetividade e promessa aparece em outros poemas neste livro, mais adiante, especificamente na «Cançam aos annos do Principe D. Theodosio», cujo dístico final «Dado ao Mundo por Deos, que todo o mande, / Para do Mundo a Deos dar parte grande» resignifica aos leitores o mais alto lugar de promessa que o jovem herdeiro deveria ocupar na política global. Este tom será definitivamente alterado, sabe-se, com a morte inesperada de Dom Theodósio aos 19 anos de idade, o que constituirá, por sua vez, matéria de outra série bastante copiosa de poemas e elogios em prosa, presentes igualmente no livro *Obras métricas*.

Essas *Obras* de Duarte Macedo trazem poemas a outros lugares-comuns da lírica seiscentista, como a dor pela morte de uma jovem dama, no caso, a jovem Maria de Ataíde, *persona* poética que figurará toda sorte de representação da dor pela perda dos seres amados em certames poéticos académicos. A esse propósito temos o soneto «A Filis ausente», que surge quase na sequência imediata do soneto «À Senhora D. Maria de Ataíde, vindo de Alcântara para o Paço», ao qual refere. Temos também uma *ecphrase* ou representação descritiva de uma imagem já construída por outro signo ficcional no soneto «A hum retrato, conforme ao original». Em suma, a partir da leitura dos sonetos dessa obra, é possível observar algumas palavras-chave da compreensão do fazer poético do autor, e de sua construção efetiva no discurso da poesia de Duarte Macedo: juízo, pensamento, discurso, e entendimento, conforme aparece, por exemplo, no soneto «A um Platano», noutro soneto que retoma um epigrama de Marcial sobre a fidelidade entre amantes (livro I, ep. 14, cf. Marziale 1993) e no poema «Ao aborrecimento: por haver amado Cloris, após cobrança da razão», poemas que tratam das «desrazões» dos afetos humanos.

Tomando um importante lugar comum no Seiscentos, nosso poeta trata num soneto sobre o desconcerto vivido pelas gentes, ao que parece de todos os tempos. Leia-se:

Ao desconcerto do Mundo

Naõ vos espante, ó Licio, se confuza
Anda a razão no Mundo vacilante,
Antes com justa causa nos espante
Quem entre a sem razão verdades usa.

Direis, que vive o mau, e o bom se acuzo,
Que cede o Sábio às vozes do ignorante,
E o delator contra a razão triunfante
Para sobir o valimento escuzo.

Valer a adulação contra a verdade,
Viver o caviloso satisfeito,
He no Mundo infiel vulgaridade.

Mas quando lida um generoso peito
Pela virtude em credito da idade,
He só no Mundo prodigioso effeito.

(Macedo 1743: t. II, 308)

O que ele faz nesse poema é adequar o sentido do contrário da virtude aos vícios de seu tempo. Trata-se do procedimento próprio do uso do lugar comum, qual seja, o aproveitamento que o poeta faz de uma ideia geral, uma *questão infinita*, aplicada a uma reflexão particularizante a respeito de determinado conceito ou caso. Diverso dos dois sonetos acima transcritos, nesse há menos circunstancialidade da cena histórica seiscentista, e sim uma reflexão sobre o lugar que a virtude deveria ocupar no terreno humano.

O pequeno livro *Obras métricas* de Duarte Ribeiro de Macedo glosa os gêneros líricos mais cotejados de seu tempo: muitos sonetos, madrigais, canções, silvas, quintilhas, romances, tercetos, décimas, uma elegia e décimas com glosas. Os poemas têm inegável qualidade poética, por isso estranha o desconhecimento, de modo geral, da obra desse autor nos registros da história da literatura.

Este foi o objetivo deste pequeno ensaio: traçar um paralelo entre três autores seiscentistas cujas presenças nas histórias da literatura nacionais diferem: o padre Antonio Vieira é autor canônico das letras luso-brasileiras e sua obra complexa é estudada, por vezes, por instrumental da historiografia literária posterior à modernidade da literatura, o que acaba por gerar incompreensões anacrônicas e descabidas; Antonio Bacelar é autor canônico

embora pouco lido ou editado e permanece obscuro ao público de nosso tempo; e Duarte Macedo é poeta menos cotejado ainda, tendo permanecido até hoje como pouco atraente aos estudos literários, que muito ganhariam se acomodassem específico instrumental teórico ao estudo historicizado das letras cultivadas do século XVII. Esse livro vale a pena.

Referências

- Bacelar, Antonio Barbosa. *Obras poéticas de António Barbosa Bacelar (1610-1663)*. Ed. de Mafalda Ferin Cunha. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2007.
- Céu, Violante do. *Rimas Várias*. Int., notas e fixação do texto de Margarida Vieira Mendes. Lisboa: Presença, 1993.
- Céu, Violante do. *Eccos que o Clarim da Fama dá: Postilhão de Apollo [...] / por Joseph Maregelo de Osan*. 2 tomos. Lisboa: Offic. de Francisco Borges de Souza, 1761-1762.
- A *Fenis Renascida ou obras poeticas dos melhores engenhos portuguezes: dedicadas ao Excelentissimo Senhor D. Francisco de Portugal, Marquez de Valença, Conde de Vimioso, etc.* / publica-o Mathias Pereyra da Sylva. 5 tomos. Lisboa Occidental: na Officina de Antonio Pedrozo Galrão, 1716-1728.
- Kossovitch, Leon. «La discontinuité et l'histoire de l'art». Em: Jean Galard (org.). *Ruptures: de la discontinuité dans la vie artistique*. Paris: Musée du Louvre / École Nationale Supérieure des Beaux-Arts, 2002, 303-309.
- Macedo, Duarte Ribeiro de. *Obras do doutor Duarte Ribeiro de Macedo, cavalleiro da Ordem de Christo, do conselho de S. Magestade, e do de sua Real Fazenda, enviado que foy às cortes de Pariz, de Madrid, e de Turim, por Manoel da Conceiçam*. 2 tomos. Lisboa: na Officina de A. I. da Fonseca, 1743.
- Marziale. *Gli epigrammi*. Cesare Vivaldi (ed.). Roma: Newton editori, 1993.
- Vieira, Antonio. *Cartas do Padre Antonio Vieyra da Companhia de Jesus a Duarte Ribeiro de Macedo*. Lisboa: Eugenio Augusto, 1827.
- Vieira, Antonio. *Cartas do Brasil*. Org. de João A. Hansen. São Paulo: Hedra, 2003.